

Barão ou tostão?

Visão de moradores de Barão de Cocais em relação ao risco de rompimento da barragem da mina de Gongo Soco.

Saúde Segurança e Meio Ambiente

Julia Silvia Guivant¹

Renata Bernardes Farias Campus²

Hernani Ciro Santana³

Resumo

Nos últimos anos, tivemos uma série de desastres ambientais no estado de Minas Gerais relacionados a barragens de mineração e o risco associado à ocorrência de desastres tem sido um dos principais focos de estudo nacionais e internacionais. O trabalho tem o objetivo de desenhar, junto aos moradores do município de Barão de Cocais, aspectos relacionados à percepção de riscos, seus olhares, temores e esperanças. Utilizou-se uma metodologia qualitativa como forma de captar a percepção dos cidadãos referentes à atual situação de risco vivenciada e temida pelos moradores versado diretamente no ambiente, realizando 56 entrevistas não-estruturadas e adaptadas à realidade dos moradores locais. Em Barão de Cocais, a revolta e o medo causado pelo risco de rompimento da barragem sul superior da mina de Gongo Soco, que resultou na retirada de 454 pessoas de suas residências para hotéis da cidade, além dos transtornos e prejuízo gerados aos moradores e empresários locais. A população de Barão de Cocais está intimamente ligada a diversas variáveis relacionadas aos eminentes riscos de rompimento da barragem. “A sociedade moderna se tornou uma sociedade de risco à medida que se ocupa, cada vez mais, em debater, prevenir e administrar os riscos que ela mesma produziu”.

¹Profa. Dra. Julia Guivant Universidade Federal de Santa Catarina UFSC – Departamento Instituto de Pesquisa em Riscos e Sustentabilidade (IRIS/UFSC). juliaguivant@gmail.com

²Profa. Dra. Renata Bernardes Faria Campus, Universidade Vale do Rio Doce – Campus Governador Valadares, Departamento Núcleo das Ciências e tecnologia, renata.campus@univale.br

³Aluno Hernani Ciro Santana doutorado em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, departamento Instituto de Pesquisa em Riscos e Sustentabilidade (IRIS/UFSC), hernanicsantana@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tivemos uma série de desastres ambientais no estado de Minas Gerais relacionados a barragens de mineração. O risco associado à ocorrência de desastres tem sido um dos principais focos de estudo nacionais e internacionais. Os danos materiais e, principalmente, humanos, verificados em desastres como os ocorridos em novembro de 2015 em Mariana, 2019 em Brumadinho e a eminência de rompimento em Barão de Cocais e Macacos mostram a fragilidade dos sistemas de barragens de rejeitos de mineração como expostos com grande repercussão na mídia nacional.

Segundo Beck (2010) os riscos não são sinônimos de catástrofe, mas sim a antecipação desta. Eles existem em um estado permanente de virtualidade e passam a ser tópicos quando antecipados através de diversas técnicas de visualização, especialmente aquelas utilizadas pela mídia.

Todas essas tragédias que atingiram os municípios mineiros e as que estão na eminência de acontecer despertaram e escancararam a fragilidade e o risco, e mostra o quanto essas populações estão a mercê de um poderoso sistema. Segundo Guivant (2016) os riscos podem ser apresentados de forma dramática ou minimizada, de acordo com quem decide o que se deve e se pode conhecer. Estamos frente a riscos incertos e manufaturados dentro de nossa civilização, que foram industrialmente internalizados. Essas situações extremas despertaram perguntas não só nas comunidades afetadas diretamente, mas em toda a sociedade brasileira: Porque isso? Quem é o responsável? O que é de direito? Quem vai responder? Neste contexto, o trabalho não visa responder essas perguntas, mas tem como objetivo desenhar, junto aos moradores do município de Barão de Cocais, aspectos relacionados à percepção de riscos no município, seus olhares, temores e esperanças.

METODOLOGIA

Em um contexto da eminência do rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração à montante da cidade de Barão de Cocais em Minas Gerais foi direcionada esta pesquisa, buscando abordar a complexidade da percepção de risco dos moradores do

município, como eram e como estão suas rotinas e perspectivas de futuro. Utilizou-se uma metodologia qualitativa como forma de captar a percepção dos cidadãos referentes a atual situação de risco vivenciada e temida pelos moradores versado diretamente no ambiente do município durante a semana prevista para o rompimento da barragem sul superior da Mina Gongo Soco. Foram efetuadas jornadas de observação livre na última semana de maio de 2019 realizando 56 entrevistas não-estruturadas e adaptadas à realidade dos moradores locais, de forma a prevalecerem à espontaneidade e a informalidade durante as conversas, bem como a não indução de respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Barão de Cocais, a revolta e o medo que se agravou desde fevereiro de 2019 com o risco de rompimento da barragem sul superior da mina de Gongo Soco, além dos transtornos gerados aos moradores, comércios e ao poder público, como relatado por diversos comerciantes e empresários locais ouvidos nos últimos dias de maio de 2019.

Em conversa com moradores, desde que o primeiro alarme de emergência tocou alguns dos moradores realizam vigília em uma das pontes do rio São João, dormem durante o dia e viram noite a dentro em vigília com receio de serem surpreendidos por uma avalanche de lama. Pois não tem confiança no sistema de alarme da mineradora, como relatado por alguns entrevistados.

“A gente fica revezando nossos grupos aqui na ponte a noite toda, porque se romper a barragem lá em cima e a sirene de emergência falhar, o volume da água aqui nesse ponto aumenta e dá tempo de chamar nossos familiares, amigos, idosos, crianças e correr daqui. Eu não acredito nessa Vale de forma nenhuma.”

Esse cenário de incertezas se agravou no dia 8 de fevereiro 2019, quando foi relatada pelas mídias a elevação do nível de alerta da barragem sul superior para 2, o que resultou na retirada de 454 pessoas de comunidades próximas de suas residências para hotéis da cidade. A angústia vivenciada pelos moradores da região é relatada por diversos moradores:

“Mininu, ocê não faz ideia da tristeza e amargura que é a gente ser tirada de casa sem tempo de nada, nem poder voltar para casa. As vezes sonho que minhas panelas estão no fogo”.

No dia 22 de março, o alerta de segurança passou para 3, indicando iminente ruptura. Aproximadamente 3000 famílias passaram por simulados. Esses simulados foram

amplamente divulgados nos maiores veículos de comunicação, sempre ressaltando que a mineradora está atenta e preocupada com a situação e com a população local. Porém, conversas com moradores de todas as áreas de riscos e também de moradores que residem fora delas demonstraram uma percepção de desconfiança e falta de credibilidade por parte moradores de Barão de Cocais sobre a real necessidade e propósito desses simulados:

“Esses simulados é história para boi dormir. O primeiro simulado teve sim, um bom bocado de gente, veio muita gente de tudo que é lado. Nois ouviu, seguiu as ordens. Tudo certo. Do primeiro para o segundo simulado foi tantas as histórias que apareceu, tanta safadeza que do povo descreditou disso, veio muito menos gente”.

Os proprietários de sítios localizados nas áreas consideradas áreas de risco foram retirados de suas terras e a mineradora passou a ocupar terrenos particulares vizinhos à barragem por causa da movimentação de um talude na mina de gongo soco. A vegetação nessas áreas foi derrubada e o local virou um canteiro de obras com a justificativa de melhorar a segurança no caso de queda do talude, que poderia levar a ruptura da barragem que fica a 1,5 km de distância. Porém, pode-se perceber o descrédito destes moradores frente à justificativa apresentada pela mineradora:

“Se tem gente trabalhando lá o dia todo porque a gente não pode ir buscar nossas coisas nas nossas casas. Eu moro muito próximo à barragem; acho que sou eu o morador mais próximo da barragem. Eu e nem meus vizinhos acredita que vai haver rompimento. Pode escrever a data de hoje, dizem que vai romper domingo né? Duvido, não vai romper. Pode colocar meu nome aí. Eles querem é comprar terra barata.”

“O que minha terra valia, já não vale mais. Quem quer comprar? Só a Vale, mas antes ela desvaloriza tudo, compra barato a preço de banana e depois vem explorar o ouro, não sei se você sabe, mas aqui tem muito ouro.”

Em 1 junho, um pedaço do paredão com aproximadamente 30 metros de altura deslizou e não teve influência na barragem. Segundo informações obtidas pelos bombeiros, em 25/06/19, houve uma movimentação no talude de 48 cm por dia na estrutura do talude. Toda essa angústia e incerteza já duram 5 meses e alguns dos moradores entrevistados definiram essa situação como um fantasma ou uma lama invisível que os assombram todas as horas do dia e trazem uma sensação de adoecimento.

“Eu estou sofrendo muito com essa situação, meu comércio diminuiu uns 80% nas vendas, mas as minhas contas não reduziram. Pelo contrário, está mais caro, tenho que sair da cidade para pagar essas contas, porque aqui as agências bancárias estão fechadas. Esses prejuízos ninguém fala. A gente está completamente sozinho nisso tudo.”

Relatos de medos e traumas são facilmente percebidos entre os moradores.

Diversos entrevistados relataram com saudosismo, simpatia e tristeza o quanto era tranquilo e pacato morar em Barão de Cocais antes da tragédia de Brumadinho, ainda segundo entrevistados, foi Brumadinho quem deu o alerta de perigo de morte de quase toda cidade.

“...nossa senhora a gente tem que agradecer e rezar para os moradores de Brumadinho os que ficaram e os que morreram. Aquele estrago todo lá, poderia ser aqui...”

Uma questão que provoca grandes questionamentos é que grande parte dos entrevistados defendem a permanência da mineradora no município.

“... A Vale fez e é responsável por toda essa ... (palavrão) mas a gente precisa dela aqui. A cidade não vive sem ela.

Segundo Beck (2011) os riscos provocam transformações sociais, sendo, ao mesmo tempo, causa da mudança social e o meio através do qual se organiza e interpreta a vida social. “A sociedade moderna se tornou uma sociedade de risco à medida que se ocupa, cada vez mais, em debater, prevenir e administrar os riscos que ela mesma produziu”.

CONCLUSÕES

A população de Barão de Cocais está intimamente ligada a diversas variáveis relacionadas aos eminentes riscos de rompimento da barragem. É sabido que esse tipo de empreendimento causa uma predatória destruição dos recursos naturais e geram grandes impactos negativos na saúde, sociedade e meio ambiente. Por outro lado gera benefícios econômicos e até o momento pode se observar que a maioria dos entrevistados valorizam os benefícios socioeconômicos por sua vez, gera uma maior capacidade de tolerância e convivência com os impactos e riscos ambientais e na saúde.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo:** hacia una nueva modernidad. Barcelona: Paidós, 2006.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco.** Rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011a.

GUIVANT, Julia Silvia. O legado de Ulrich Beck. **Ambiente & Sociidade**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 227-238, mar. 2016.